

*Escrevivência: epistemologia dos orixás e a autoafirmação do “sujeito-mulher-negra” no conto *Das águas*, de Cristiane Sobral*

Maria do Carmo Moreira de Carvalho* 

Elio Ferreira de Souza** 

Se você se enxergar diante de um espelho negro, aprenderá a conviver com as suas sombras, com as suas luzes, alterando a sua percepção. Isso influenciará decisivamente a sua existência.

Cristiane Sobral, *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*

Pierre Fatumbi Verger (2002) no livro *Orixás: deuses da África e do novo mundo*, afirma que a resistência e continuação ancestral sagrada, diante da alienação e extermínio das religiões de matriz africana, um dia “haveriam de surpreender a todos aqueles que tentavam justificar a cruel instituição de tráfico de escravos” (VERGER, 2002, p. 14). Séculos depois, em frente à força aniquiladora da colonização, os escravizados africanos mantiveram a tradição sagrada em diáspora, a partir das memórias transportadas juntamente com o corpo-objeto na lancinante travessia transatlântica. A preservação da ancestralidade africana foi possível mesmo diante da assimilação de outros valores culturais, impostos pelo viés da aculturação e desumanização. Na atualidade, sob o viés artístico, é comum serem narrados na poética afro-brasileira a herança africana dos orixás e a riqueza dos seus mitos. A tradição ancestral é contada tanto na literatura, quanto em outras manifestações da arte, nas quais o afrodescendente passou a transitar com muito custo durante os últimos séculos, como forma de desestruturar a imagem folclórica da herança africana dentro de espaços de conhecimento e, conseqüentemente, de poder.

Na literatura contemporânea existem escritos que, segundo Regina Dalcastagnè (2012), evidenciam “vozes não autorizadas” e que buscam espaço para legitimar a obra e a si como pertencentes a espaços de publicação, divulgação e recepção. Tal prerrogativa se dá porque desde o período escravocrata o corpo negro vem sendo estigmatizado em detrimento de uma sociedade dividida em grupos antepostos. De acordo com o grau de distanciamento do entendido como o grupo hegemônico

* Mestranda em Literatura na Universidade Estadual do Piauí, Piauí, Brasil. E-mail: mariamc91196@gmail.com.

** Doutor em Estudos Literários e Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Piauí, Piauí, Brasil. E-mail: elioferreira@cchl.uespi.br.

e legitimado, o grupo menos favorecido passa a ocupar a base da pirâmide social. Os grupos que compõem o topo da pirâmide perpetuam continuamente o discurso imperante, sendo fadada ao corpo negro a imortalidade subalternizante pautada na diferenciação da cor da pele, na cultura e herança da África Negra. O apagamento se faz presente em variadas esferas, seja no meio social, acadêmico e/ou intelectual. No caso da literatura, a representação ocorreu por longos séculos através da estereotipação, responsável pelo silenciamento e inclusão do sujeito negro nos espaços da margem. Contudo, localizados no tempo e no espaço, surgem figuras apoiadas à afrocentricidade e, assim, autoconscientes (GILROY, 2001) do que é pertencer à coletividade negra. Perante o desejo de legitimar a cultura política negra (GILROY, 2001), o objetivo passa a ser o de localizar-se também na história como protagonistas, desestruturando os cristalizados moldes literários. Conforme o que Octavio Ianni denomina por “conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel” (IANNI, 1988, p. 91), emerge a recusa da estereotipia e carnavalização recorrente na literatura clássica e nacional.

Dentre as muitas vozes que se fazem ouvidas por meio das letras, Cristiane Sobral vem se destacando pelo modo criativo de sua composição. Das muitas obras publicadas, *Terra negra* (2017), *O tapete voador* (2016) e *Dona dos ventos* (2019) emergem as questões de gênero e raça. A produção da autora se faz atenuante na cena literária através da característica temática, a qual aborda a performidade corpórea das mulheres negras perante as violações do corpo. Além das publicações individuais, a escritora contribui com textos autorais em coletivos e antologias, a exemplo dos *Cadernos negros* – a começar pelo volume 23 – através do qual mulheres negras escritoras puderam conquistar espaço na cena literária. Em 2017, participou da coletânea de contos e crônicas organizada por Vagner Amaro denominada *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. Neste lançamento, um dos contos divulgados foi *Das águas*, objeto deste estudo.

Na presente narrativa, Sobral (2017) apresenta a personagem Omi, uma jovem mulher que passa a frequentar o curso de medicina, sendo a única pessoa negra da turma. No desenrolar do enredo, mostra as constantes violências decorrentes do racismo. O constrangimento é traçado por todo o corpo, como um estigma, um mapa da inferiorização. Palavras carregadas de repulsa e escárnio são lançadas desde as curvas, cabelo, nariz, boca e, evidentemente, à pele em si. Entretanto, o texto não se atém apenas nas feridas, apresenta ainda a autoafirmação da personagem por intermédio da divindade Osún, senhora guia e protetora da cabeça/vida da personagem. Em face dessas evidências, objetivamos compreender a forma como a “auto-apresentação”¹ da mulher negra e a autoafirmação da personagem ocorrem no objeto literário, buscando analisar o encabeçamento escritivamente em relação à conexão ancestral/espiritual com o orixá Osún. Dessa maneira,

¹ Optamos por utilizar a construção hifenizada do termo, conforme empregada originalmente por Conceição Evaristo no texto *Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira* (2005).

partimos da premissa de que a escrevivência opera como abordagem intelectual teórico-metodológica da produção literária afrofeminina, elaborada na cosmogonia dos orixás e empregada como epistemologia das mulheres negras.

A autoafirmação de Omi: ancestralidade vinda das águas de Osún

Oxum matou minha sede de água
Oxum lavou meus olhos com mel
Restaurou meus espelhos de beleza

Oxum matou minha sede de água
Oxum lavou meus olhos com mel
Colocou a riqueza do ouro em minhas mãos. (SOBRAL, 2017, p.52).

Dentre as muitas vozes que se fazem ouvidas por meio das letras, Cristiane Sobral vem se destacando pelo modo criativo de sua composição. Com recursos estéticos próprios da escrita de autoria feminina negra, ela constrói prosa e versos centrados na identidade afrodescendente concomitante à aceitação dos valores ancestrais e da beleza negra. Ao lado de outras irmãs escritoras, constrói imagens positivas do corpo negro por meio do “assentamento literário”² através do saber ancestral, embalado nas águas, correntezas, espelhos e braceletes das *yabás*³. Na epígrafe escolhida para abrir a análise, Cristiane Sobral faz transparecer o encantamento potencializador que Osún outorga através de seus mistérios. Paralelamente, no conto *Das águas*, também nos revela a potência energética e subjetiva que a divindade faculta a Omi, diante da subordinação em suas relações cotidianas:

Oxum [...] majestosa e vestida com o mais puro ouro, dançava sobre as águas. Sua energia estava ali manifesta [...] Oxum seguia à sua frente, a abrir caminhos. Não viveria à sombra de qualquer solidão. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra (SOBRAL, 2017, p. 51).

Em primeiro lugar, antes de adentrarmos os mistérios da escrita fundamentada nas águas negras de Osún, faz-se necessário contextualizar a vivência da personagem em espaços de poder e como tal posicionamento lhe confere a estigmatização por parte do grupo privilegiado. Na seguinte passagem, Sobral (2017) nos permite refletir sobre os modos de tratamento para com os atributos físicos do afrodescendente em episódios de racismo, sobretudo quando a idealização de beleza se estende rigorosamente às mulheres negras e recai como fonte de inferiorização:

Suas medidas, suas curvas eram excessivas para os moldes [...] Estaria condenada aos cantos do mundo? Não. Gostava muito de ser como era.

² Termo utilizado por Cristian Sales (2020).

³ *Yabás* é empregado para se referir aos orixás femininos.

Precisava encontrar um jeito. Um caminho, um espaço no planeta. Entretanto, a vida não era simples, teria que lidar com os paradoxos da existência (SOBRAL, 2017, p. 49).

Neste trecho faz-se evidente o projeto literário da autora articulado com a histórica subordinação feminina negra no Brasil. Não obstante, para tratar sobre a subordinação das mulheres negras a serem Outro, a estudiosa Grada Kilomba (2019) é uma fonte profícua para argumentação, uma vez que problematiza tal processo frente à cotidianidade de preconceitos relativos à raça e ao gênero. Segundo a intelectual, a intersecção entre o “ser” mulher e o “ser” negra subsidia um esvaziamento e deriva um sujeito projetado como Outro. De acordo com esta formulação, dentre as ideias separatistas de raça, em relação ao feminismo hegemônico, recorrendo à denominação de Françoise Vergès (2020), e de gênero, em relação às lutas contra o racismo, a mulher negra permeia um espaço vazio e invisível. Contudo, como sujeitos desobedientes do ideário hegemônico, desafiam as estruturas de poder através de mecanismos de enfrentamento contra esse sistema alimentado por princípios racistas, classistas e sexistas. A produção intelectual negra, partindo de um lugar de subjetividade, torna-se uma das fontes de contraposição do controle de poder. Nesta cena, Sobral (2017) escreve o contexto no qual as mulheres negras se inserem: o de violação do corpo, da dignidade e da condição humana. Ademais, trata-se de um contexto elaborado a partir de uma “feição narrativa”.

De acordo com Franciane Silva (2018), os novos contornos do narrar possibilitam a abertura de um espaço onde é possível manifestar os emudecimentos de sujeitos femininos negros, assim como usufruir um lugar de articulação da vida destes sujeitos. O cerceamento vem, então, acompanhado da “ferocidade poética [que] pode ser entendida como a possibilidade da encarnação da violência em textos literários ser permeada por gestos de poeticidade” (SILVA, 2018). Sobral carrega consigo a expressividade de uma poética feroz. Ao abordar a relação entre o ficcional e o real subverte as agruras perpassadas pela figura negra com o tom da poeticidade, introjetando a humanidade esmaecida, no entanto atravessada pela memória ancestral. O espaço-tempo da narrativa enovela-se com outros tempos em terras distantes. No cenário contemporâneo, a corporalidade performática de Omi se dá em espaço de poder inicialmente não pensado para ela, pois transgride a instância hegemônica como a única negra a frequentar o curso de medicina. Contudo, este espaço é trançado com a ancestralidade da personagem, que vive em contexto de quilombo e em conexão com os seus em tempos passados. A consciência de pertencer a uma coletividade em relação à raça e ao gênero possibilita entender e desejar discordar da regra, mesmo sendo constantemente invalidada. A conduta política de manter em evidência a herança africana lhe confere múltiplas violências transparecidas diretamente em seu corpo. Os traços os quais evidenciam a afrodescendência tornam-se marcas de estigmatização:

– Macaca! Bombril! Nega maluca! Filha da senzala!
Esses gritos não abandonavam os seus ouvidos desde que fora ofendida

por alguns estudantes no dia dos trotes dos calouros. Eles não estavam de brincadeira. Não era bem-vinda. Doía sim, porque desumanizava, agredia (SOBRAL, 2017, p. 49).

Ao expressar o racismo direcionado à Omi no curso majoritariamente composto por brancos/as, Sobral constrói uma escrita com base na experiência coletiva, cujo proceder de representação da protagonista explicita a condição de subalternidade das mulheres negras (SOUZA, 2021). Perante o fazer literário reverberado na coletividade, situamos a micronarrativa ao conceito evaristiano de *escrevivência*. O sentido do termo e o que ele designa na construção de um projeto literário faz-se promissor para a autoafirmação do “sujeito-mulher-negra”⁴. Para trabalhar com essa perspectiva, tomamos por base a expressividade crítica de Assunção Silva (2020) acerca do conceito evaristiano. Para ela, a conjunção estética do *escreviver* “cujos princípios, mecanismos, estratégias e argumentos estéticos revelam seu *modus operandi*, projeta-se a “nação literária” (imaginada) eivada de tensões e conflitos articuladores das relações de violência e subordinação” (SILVA, 2020, p. 120). Ainda, manifestando a proposição de se pensar o encadeamento “memória com sabor de sangue” no escopo “corpo-voz”⁵, convida à reflexão da literatura de mulheres negras doravante o olhar de “estética da existência” e de “ação política de afirmação de uma potência, resistência e resiliência” (SILVA, 2020, p. 121).

Nesta conjuntura, a consciência por si própria emaranhada à prática de resistência coletiva e política implica na tradução da potencialização do “corpo-voz” de mulheres negras antes reduzido ao silêncio. Como afirma Evaristo, “se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, [as]⁶ pertencem também” (EVARISTO, 2020, p. 30). A funcionalidade desse modo de composição parte de elementos congruentes ao pressuposto narrativo. Diferentes procedimentos, estratégias e métodos inovam as epistemologias tradicionais na profusão do que é proficiente chamar de “arte de resistência” (SILVA, 2020). O emprego das formas orais, por exemplo, ou, neste caso, a presença temática da religião de fundamento africano formuladas na matéria escrita apresentam o que podemos designar como “técnicas narrativas” (SILVA, 2020).

O vínculo axiomático que o conceito mantém com a contenda política do feminismo negro, as técnicas de composição instrumentalizam a decolonização de epistemes ocidentais através do conhecimento político gerado por feministas negras. O ato de *escreviver* surge como integrador da ação de recusa, pertencimento e potencialidades encabeçadas pelas escritoras negras que fundam a imagem das mulheres do passado escravo como mecanismo de “auto-apresentação”. Na com-

⁴ Evaristo (2005) faz uso dessa concepção para se referir às intersecções que atravessam as mulheres negras a partir das categorizações legitimadoras de poder.

⁵ “Corpo-voz” diz respeito à nomenclatura adotada por Evaristo (2020) no artigo *A escrevivência e seus subtextos*, para explicar como a ação de escrever as experiências do corpo feminino negro torna este corpo um lugar de afirmação.

⁶ Grifo nosso.

posição de Sobral, a localização da personagem em contexto de discriminação e posteriormente de afirmação parte da episteme centrada nas profundas raízes da África Negra, reduto da ancestralidade firmada no íntimo da linguagem. O funcionamento da técnica *escrevvente* inova a literatura através da patente sociocultural, a qual as mulheres negras lançam na produção escrita (EVARISTO, 2005). Nesta cena, Sobral fala das dores verdadeiras que a condição histórico-cultural ininterruptamente sustenta:

Ao sair de casa, o preconceito e o racismo já estavam de pé, a sacudir, com cinismo as suas certezas. Ainda não encontrara as armas apropriadas para enfrentá-lo e vencer, não queria estar só em suas trincheiras. Gostaria da companhia de um exército para multiplicar suas forças (SOBRAL, 2017, p. 50).

De acordo com Evaristo, ao explicar o uso e sentido da *escrevivência*, o dinamismo de “assenhorar-se” (EVARISTO, 2005) da literatura engendra imagens de auto-representação. Para ela, diferente da representação que ficcionaliza um “objeto a ser inscrito”, a “auto-apresentação” se estabelece como “sujeito que se descreve”. A começar pela própria subjetividade. Sobral (2017) concebe o discurso literário urdido na experimentação de um eu/nós, instituindo o sentido estético na escrita, mas também semantizando o movimento que comporta as lutas das mulheres negras. “Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar de vida” (EVARISTO, 2005, p. 49). A “auto-apresentação” ocorre no desenrolar da narrativa, quando a autora primeiro identifica o germe causador da ferida, depois as águas que lavam e despertam à cura. Contrária às representações caricatas, comuns na literatura brasileira, não se atém na representação do corpo negro como objeto, mas o revoluciona. O empreendimento de se tornar sujeito é materializado pela tônica ancestral, isto é, através de valores da herança africana a figura feminina negra protagoniza o objeto literário na construção de imagens positivas (MUNANGA, 2020).

Para localizar a *escrevivência* de Sobral (2017) como uma epistemologia formulada no íntimo da episteme empreendida na política do pensamento feminista negro e de uma força cosmogônica dos orixás, é importante considerar a prerrogativa de Evaristo (2020) sobre a perspectiva a qual o termo se debruça. Ela situa a *escrevivência* a uma abordagem não semelhante à escrita de si, e até mesmo à autoficção ou a autobiografia, uma vez que o conceito, levado para o campo teórico, não se encerra à escrita individual, ou seja, uma escrita voltada para um eu solitário, mas diz respeito à conjuntura que gira em torno de uma coletividade. Desse jeito, Evaristo mostra que o conceito expandido em coletividade, direciona-se à acolhida de muitos corpos, introduzindo-se para além do corpo individual. Neste encaixe, entende que a escrita a qual se insere o conceito é carregada de subjetividade, visto que há muito do/a autor/a na arte, no entanto, esta subjetividade não vem de um eu individualizado. A subjetividade da qual a *escrevivência* toma parte refere-se ao

“eu” adjacente a “nós”. Para a intelectual, o termo teórico-metodológico excede o sentido da escrita de si – uma escrita narcisista – contrapondo-se à narrativa pausada no espelho/mito de Narciso.

Evaristo explica que a *escrevivência* não significa uma escrita narcisista porque o espelho que reflete o rosto da pessoa negra não é o espelho de Narciso. O conceito não se apraz às águas de Narciso, mas às águas de Osún e de Yemonjá. O espelho o qual reflete a pessoa negra é o *abebé*⁷ de Osún, pois através dele encontra-se o eu individual, vê-se belo, entende-se potente. No *abebé* de Yemonjá reflete-se a potência coletiva, a potência de outros rostos. É, portanto, com esta analogia que Evaristo (2020) explica que a *escrevivência* “extrapola a escrita de si”, firmando-se na multiplicidade, na ancestralidade, na realidade crua a qual este coletivo é inscrito. A *escrevivência* é aplicada às letras como ato libertário porque se antes o “corpo-voz” das mães de leite era confinado à servidão, se não podiam externar sua potência, agora, através do ato de *escrever*, esta potência pode ser libertada, sendo capaz de escrever em páginas as muitas histórias, as muitas vozes.

Neste cenário, Sobral (2017) produz o que alguns estudiosos da área denominam por “literatura terreiro” ou, nas palavras de Henrique Santos, “saberes desregrados, para além do suporte de papel” (SANTOS, 2014, p. 4). As narrativas de terreiro são entendidas como um registro dos “saberes ancestrais femininos”, irmanados coletivamente pela experiência e vivência⁸. Para Santos, a literatura-terreiro “está ligada à ética e estética de textos produzidos desde o corpo negro permeado pela cosmogonia africana e negrobrasileira” (SANTOS, 2014, p. 5). Ao pensar a ética e a estética, entende-se que são textos vinculados à simbologia mítico-religiosa proveniente de “espaços [de terreiro] que se vinculam a uma dimensão multimodal diaspórica” (SANTOS, 2014, p. 5):

Todos os dias, refletindo sobre suas contradições, enquanto percorria a pé, o longo caminho até o ponto de ônibus que a levaria até à Universidade, onde era a única negra de sua turma. Pensava em desistir. Justo porque aquele percurso da caminhada abrigava o cauteloso rio da sua infância, de águas conhecidas com o cheiro de terra fértil, molhada pelos sonhos vívidos em um tempo feliz, onde vivia o afeto dos seus, o axé dos novos e dos mais velhos de sua comunidade (SOBRAL, 2017, p. 49-50).

A terra fértil vem para frutificar a potencialidade dissipada de Omi. É palpável a característica mítico-religiosa diante da relação com a divindade Osún ao registrar a abstração da fertilidade com as questões de marginalização, as quais a personagem surge como outrificada. Osun “habita as águas doces, condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos” (CARNEIRO; CURY, 2008,

⁷ Segundo Nei Lopes refere-se a um termo advindo “do iorubá, leque metálico de Oxum (em latão) e Iemanjá (metal prateado)” (2011, p. 30), comumente associado ao espelho, ornamento sagrado, carregado pelas duas divindades.

⁸ De acordo com Adilbênia Freire Machado em *Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: abordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós* (2020).

p. 128), todavia o terreno fecundo relaciona-se à recuperação da identidade fracionada da personagem, semeando a harmonia com seus espelhos. Omi vê-se impedida a sublevar a insubordinação. Na seguinte passagem notamos como o corpo urge a autoafirmação perante uma jogada física e espiritual. O rio a chama:

Certo dia [...] ouviu o insistente chamado do seu corpo a reivindicar o encontro com aquelas águas. E se parasse para tomar um banho de rio? Quem sabe retroceder não seria também um meio de avançar? Levada por insurgência íntimas, não resistiu (SOBRAL, 2017, p. 51).

O próprio nome da personagem demonstra o vínculo personagem/orixá. Omi, que no Iorubá significa água, sente-se chamada por sua mãe espiritual através do líquido sublime. De acordo com o Bâbálórisà Léo de Oxum⁹, a divindade é um dos orixás de maior popularidade no solo brasileiro e na África. No período colonial, foi importante na organização de casas de cultos de candomblé, sendo fundamental pelo seu amor resplandecido nos candomblecistas. Osún é a divindade das águas doces e negras, dos rios e das cachoeiras. É considerada a filha favorita de Orixalá e Yemanjá. É a divindade da riqueza, dona do ouro, do âmbar e da prata, tendo o amarelo como a sua cor representativa. Sendo a água o seu elemento sagrado, através dela Omi “transporta sua alma para outra dimensão” (SOBRAL, 2017, p. 51). Engendra a regeneração da identidade diante da tentativa de apagamento. Paralelamente, sob um olhar antropológico, ao falar sobre a afirmação da identidade calcada na reconquista de si/nós e na recusa de assimilação dos valores culturais ocidentalizados do branco, Kabengele Munanga (2020) afirma que:

Abandonada a assimilação, a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco tinha total auto-rejeição; negar o europeu será o prelúdio indispensável à retomada [...] Aceitando-se o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente [...] Ele verá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal” (MUNANGA, 2020, p. 41).

Neste contexto, o “corpo-mulher-negra em vivência” – para utilizarmos das palavras de Evaristo (2009) – aflora na escrita de Sobral, demarcando um fazer literário díspar a partir do lugar de onde a autoria origina-se: do ser constantemente violentado pelo fracionamento da identidade. No interior da micronarrativa reúne uma forte abordagem do seco e sórdido racismo em relação aos traços físicos os quais as mulheres negras são impelidas a abandonar e odiar desde a infância. Com a ajuda da ancestralidade, alude à autoafirmação durante o contato espiritual com aquela que cuida do *Ori* da protagonista. O *Ori*, segundo Nei Lopes (2011), é “na tradição dos orixás, a denominação da cabeça humana como sede do conhecimento

⁹ A fala do Pai Léo de Oxum pode ser encontrada no documentário *Candomblé, um legado africano*, dirigido por Erik e Bernard Thomaz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1EaeC71F534&t=1257s>. Acesso em: 21 jun 2021.

e do espírito [...] forma de consciência guiada por uma força específica que é o orixá” (LOPES, 2011, p. 1061). Osún é, então, referenciada como a senhora guia e protetora da cabeça/vida da personagem. Cristian Souza de Sales (2020), estudioso do atravessamento mítico-religioso em escritos de mulheres negras, discorre acerca do sentir, do viver e do escrever ancestral. Para ela, o fazer literário apoiado na cosmogonia dos orixás é convertido em “território de assentamento de saberes ancestrais”:

O assentamento, portanto, relaciona-se intimamente com a ancestralidade negro-africana e os saberes ancestrais femininos. Na liturgia de terreiro, os assentamentos são canais diretos com os orixás e os ancestrais. Em outra leitura, transformam-se em energia que circula através da palavra-ritual na poesia negra brasileira e na escrita feminina negra para reverenciar Osun (SALES, 2020, p. 4).

De acordo com a afirmação de Sales, o assentamento na escrita faz analogia ao segmento litúrgico do terreiro como via de comunicação com o sagrado. Neste contexto, o amadurecimento físico e espiritual da personagem é assentado por meio da “palavra-ritual” em que Osun se faz energia plena e resplandece o seu ouro como forma de potencializar o “eu” subjetivo de Omi:

Encarou a umidade fria despida. Nas águas buscou respostas. Mirou-se. Para o seu espanto, não viu no reflexo do espelho das águas a sua imagem distorcida pelas lentes da sociedade. Bem de leve, sentiu o toque do líquido convidativo a percorrer suas extremidades e um arrepio na pele a transformar sua alma para outra dimensão. Sob as águas, um tom amarelo que a princípio tentou compreender como os raios do sol penetrando o líquido transformador. Não, não era o sol. Oxum estava lá. Majestosa e vestida com o mais puro ouro, dançava sobre as águas. Nunca havia visto Oxum, mas sabia que era ela. Não era questão de ver. Sua energia estava ali manifestada. Como parteira a anunciar o seu renascimento (SOBRAL, 2017, p. 51).

Sales ao abordar o conceito de literatura assentada, informa que a ancestralidade como unidade de encantamento e coletividade, “é vivida desde a matéria do corpo até o organismo da intelectualidade” (SALES, 2020, p. 7). Sobral faz do discurso literário a matéria do corpo e do corpo a matéria da textualidade. A narrativa assentada é realizada “como guardiã da memória, dos saberes ancestrais e dos saberes ancestrais femininos” (SALES, 2020, p. 7). Quando incorpora o mito, os arquétipos e elementos ritualísticos comumente à Osún, a autora utiliza dos saberes ancestrais “como referências e fundamentos epistêmicos na elaboração do pensamento crítico [e] teórico” (SALES, 2020, p. 3). No trecho a seguir, temos o contato com o “espaço-tempo-ancestral” como fundamento epistêmico. Logo no adentramento das águas ocorre a restauração da identidade:

Mergulhou naquelas águas negras por um tempo incontável aos olhos da ciência. Um espaço-tempo-ancestral... Um outro tempo a girar em seus círculos além do corpo físico. Ao sair das águas, sentir-se única, completa. Oxum seguia à sua frente, a abrir caminhos. Não viveria à sombra de qualquer solidão. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra [...] Sua identidade, antes fragmentada, foi enfim revelada. Com Oxum, pôde, enfim, recuperar sua beleza roubada e encontrar-se no seu íntimo. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros (SOBRAL, 2017, p. 51-52).

A beleza é uma das características empregadas em alusão à *yabá*. Contrariando o estigma da inferiorização dos traços físicos de Omi, a autora restabelece os seus espelhos de beleza mediante a aparição da divindade. Dentre os diversos *itans*¹⁰ que anunciam a característica vaidosa e a venustidade de Osún durante sua passagem pelo plano físico, Pierre Verger (1997) nos conta que “Oxum era muito bonita, dengosa e vaidosa. Como o são, geralmente, as belas mulheres” (VERGER, 1997, p. 43). Tais características são atribuídas a suas filhas e filhos, sendo as mulheres e homens de Osun símbolos da beleza.

No conto, as qualidades são simbolizadas como guarnição perante os conflitos oriundos da tentativa de desfalque das particularidades afrodescendentes. Omi “pôde, enfim, recuperar sua beleza roubada, encontrar-se no seu íntimo” (SOBRAL, 2017, p. 52), pode, enfim, renascer porque recusa o apagamento e a assimilação dos valores eurocêtricos, como nos ensina Munanga (2020). O antropólogo, debruçando-se nas incertezas geradas no corpo negro desde a colonização, diz que dentre os muitos problemas enfrentados na busca pela identidade negra há a alienação do corpo e da cor da pele somada à alienação da história e da cultura, acarretando na inferiorização e, conseqüentemente, na baixa estima (MUNANGA, 2020).

Dessa maneira, desarticulando o sentido de identidade modelo, de traços que denotam a descendência europeia, Cristiane Sobral propicia a dolorosa condição do corpo negro feminino em frente a investida de irrupção da afrodescendência. Todavia, “a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude [...] pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (MUNANGA, 2020, p. 19). Isso é possível pela reconexão com a memória ancestral a qual confere significados assentados no corpo feminino negro.

Palavras finais

De acordo com o apontado na análise deste artigo, concluímos que a *escrevivência* opera tanto na sua forma teórica, quanto posta como técnica de expressão literária, amalgamada na tradição cosmogônica dos deuses e deusas da África Negra. Podemos evidenciar que Sobral, utilizando do ato de *escrever* enovela a vivência de mulheres negras à filosofia dos orixás, fazendo brotar na linguagem, técnicas

¹⁰ Representa “um conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros” (SALES, 2020, p. 3).

ancestrais de composição. A religião de matriz africana compõe o tecido textual não com a mesma premissa a qual a literatura ocidental cuidou em retratá-la, mas para desconstruir o que Duarte chama de “estereótipos como agentes discursivos da discriminação” (2011, p. 2).

Cristiane Sobral, assim como outras escritoras negras, a exemplo de Conceição Evaristo, Mãe Beata de Yemonjá, dentre outras, intenta exteriorizar a sinuosidade cultural que o mito evoca com a história e com a memória ancestral. Preocupam-se em curar a ferida, abordando a violência física, epistêmica e religiosa por meio de uma sabedoria ancestral. Utilizando das letras nos mostram a relação de zelo que os superiores espirituais têm na vida de seus filhos. A autoafirmação do “sujeito-mulher-negra” na literatura flui da conjunção histórica e social particular às mulheres negras e promove a edificação de uma sabedoria coletiva. Para que as mulheres negras conquistem novos espaços de poder sem que estes se tornem igualmente lugar de esforços para a credibilidade do saber, necessita-se que o conhecimento gerado por elas não seja validado a partir de fundamentos eurocêntricos de interesse das instituições legitimadoras, em sua maioria constituída por homens brancos heterossexuais e partícipes da elite, mas a partir da abordagem que evidencia a experiência e a potencialização do corpo silenciado.

Referências

- CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristian. *O poder feminino no culto aos orixás, guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 17-31, sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 12 jan 2022.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância; GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 28, 91-99, 1988.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SALES, Cristian. Escritoras negras diaspóricas: saberes ancestrais femininos em poéticas das águas. *Revista Ciências Humanas*, CAETÉ, v. 2, n. 3, 1-20. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/view/11588>. Acesso em: 20 jan 2021.
- SANTOS, Henrique. Reflexão sobre o conceito de literatura-terreiro. *Revista Inventario*. 14. ed. – jan./jun. 2014. Disponível em: http://www.inventario.ufba.br/14/Entrevista_Henrique.pdf. Acesso em: 12 dez 2021.
- SILVA, Assunção. EscreVivência: itinerários de vidas e de palavras. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabelly. *Escrevivências, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 114-133.
- SILVA, Franciane. *Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras*. 2018. Tese (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf. Acesso em: 04 dez. 2021.
- SOBRAL, Cristiane. Das águas. In: AMARO, Vagner. *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. São Paulo: Malê, 2017. p. 49-52.
- SOUZA, Elio. *A carta da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira*. Belo Horizonte: literafro/UFMG, 2021.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução Jámille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- VERGER, Pierre. *Lenda africana dos Orixás*. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Corrupio, 1997.
- VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Corrupio, 2002.

Recebido em 1º de maio de 2022.

Aprovado em 7 de junho de 2022.

Resumo/Abstract

Escrevivência: epistemologia dos orixás e a autoafirmação do “sujeito-mulher-negra” no conto *Das águas*, de Cristiane Sobral

Maria do Carmo Moreira de Carvalho

Elio Ferreira de Souza

Este artigo trata de um estudo acerca do conceito de *escrevivência* como episteme engendrada na cosmogonia dos orixás. A partir de tal consideração, objetivamos analisar um conto da escritora Cristiane Sobral intitulado *Das águas*, no qual a autora empreende as experiências vividas pela personagem Omi em espaço de poder. Para entender como a auto-apresentação da mulher negra e a autoafirmação da personagem ocorrem no objeto literário, atinamos para o modo de composição da autora encabeçado na conexão ancestral/espiritual com a divindade Osún. Dessa maneira, a partir de pressupostos teóricos de Evaristo (2005, 2009, 2020), Verger (2002), Munanga (2020), Carneiro e Cury (2008), Sales (2020), Silva (2018), dentre outros, concluímos que a autoafirmação do “sujeito-mulher-negra” na literatura flui da conjunção histórica e social particular às mulheres negras e promove a edificação de uma sabedoria coletiva.

Palavras-chave: *escrevivência*, autoafirmação, Omi, Osún, Cristiane Sobral.

Escrevivência: epistemology of the orixás and the self-affirmation of the “subject-black Woman” in the tale of *Das águas*, by Cristiane Sobral

Maria do Carmo Moreira de Carvalho

Elio Ferreira de Souza

This article is a study about the concept of *escrevivência* interpreted as an epistemology engendered in the cosmogony of the orixás. Therefore, we aim to analyze a short story by Cristiane Sobral, entitled *Das águas*, in which the author undertakes the experiences lived by the character Omi in a space of power. In order to understand how the self-presentation of the black woman and the self-affirmation of the character occurs in the literary object, we pay attention to the author's way of composition headed in the ancestral/spiritual connection with the deity Osún. Thus, based on theoretical assumptions of Evaristo (2005, 2009, 2020), Verger (2002), Munanga (2020), Carneiro and Cury (2008), Sales (2020), Silva (2018), among other names, we conclude that the self-affirmation of the “black-woman-subject” in literature flows from the historical and social conjunction particular to black women and promotes the edification of a collective wisdom.

Keywords: *escrevivência*, self-affirmation, Omi, Osún, Cristiane Sobral.